

3.1 O produto:



APRESENTAÇÃO



Cara/o docente, esta cartilha é o produto gerado a partir da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória/UFS), intitulado *Combatendo a invisibilidade feminina: Uma proposta para o Ensino de História a partir da biografia de três sergipanas*. Espero com este trabalho, oferecer um caminho para que professoras e professores possam discutir os feminismos nas aulas de História, assim como combater a invisibilidade e o apagamento das mulheres na historiografia e nos currículos escolares.

Apesar da ampliação das discussões dentro das universidades e na sociedade em geral, os debates sobre gênero e feminismos não atingiram as salas de aulas da Educação Básica de maneira significativa, ou seja, precisam ser ampliados e aprofundados.

Em minha prática docente, por outro lado, percebo um crescente interesse das/os estudantes sobre a temática, na escola em que atuo entre os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, são cada vez mais frequentes questionamentos a respeito do protagonismo feminino ao longo da História, sobre a atuação do movimento feminista, a naturalização dos papéis de gênero e a construção e perpetuação das desigualdades.

Contudo, sei das dificuldades que professoras e professores possuem ao abordar uma temática cercada por tabus e disputas. Esta foi uma dificuldade que também enfrentei durante os meus mais de quinze anos de atuação na Educação Básica. Para mim, a falta de instrumentos didáticos e de abordagens que relacionassem feminismos e história das mulheres com o ensino de História, foram empecilhos que busquei superar.



Durante minha formação continuada, no Profhistória, conheci inúmeras possibilidades de trabalho com a temática, aprofundi meus estudos sobre gênero, feminismos e história das mulheres e cheguei à conclusão de que o emprego de biografias de mulheres sergipanas, poderia proporcionar a construção do conhecimento histórico sobre o movimento feminista nas aulas de História.

Nesta cartilha, trabalhei com as biografias de três mulheres sergipanas: Maria Rita Soares, Quintina Diniz e Beatriz Nascimento. Mulheres pioneiras e atuantes no movimento feminista no século XX, sendo as duas primeiras atuantes no contexto da primeira onda do feminismo, o movimento sufragista, e a última de maneira extraordinariamente percursora, ativista do feminismo negro interseccional. O movimento feminista é múltiplo e a escolha destas mulheres visa demonstrar esta multiplicidade.

Acredito que o uso de biografias de mulheres sergipanas, como metodologia e/ou instrumento didático-pedagógico, pode ser um importante meio a ser empregado no Ensino de História, especialmente, para discentes do 9º ano do Ensino Fundamental. E pode servir de instrumento por duas razões: A primeira tem a ver com a necessidade de questionar a narrativa histórica tradicional, hegemonicamente masculina. A exclusão das mulheres dos espaços públicos e das academias, possibilitou que a história fosse escrita por homens e para homens, resultando em um olhar unilateral das estruturas sociais. Esta é uma realidade que vem se transformando paulatinamente ao longo do tempo, aqui no Brasil especialmente a partir de 1960, com o aumento do número de mulheres nas universidades.



Em segundo lugar, o emprego das biografias de mulheres sergipanas na Educação Básica, busca valorizar suas ações e conquistas, evidenciando trajetórias de vida pouco conhecidas, silenciadas ou apagadas na História. Michelle Perrot ao analisar o silenciamento das mulheres na historiografia, nos indica que as pesquisas realizadas neste campo, retratam as mulheres como uma entidade coletiva e pouco se detêm as suas singularidades, neste aspecto a biografia se mostra um interessante método de investigação.

Ao quebrar este olhar estereotipado e hegemônico que coloca a mulher no lugar de espectadora passiva da história, contribuimos para que as/os discentes compreendam que os papéis de gênero são construídos historicamente e por isso passíveis a questionamentos.

Para alcançar estes objetivos, escolhi as trajetórias de vida de Maria Rita Soares, Quintina Diniz e Beatriz Nascimento, buscando demonstrar olhares diversos sobre os feminismos, a partir das particularidades destas mulheres.

A sufragista Maria Rita Soares, mulher negra de origem humilde, que ascende socialmente diante de sua dedicação aos estudos e a advocacia, nos traz um ponto de observação incomum, visto que, durante a primeira onda do feminismo, contexto no qual ela está inserida, as discussões eram realizadas majoritariamente por mulheres brancas de classe média/alta.

Maria Rita e um grupo de feministas. Rio de Janeiro, 1930.
Fonte: Freitas (2003), p. 222.



Também inserida neste marco temporal, Quintina Diniz nos traz uma outra perspectiva, o de uma mulher branca, abastada financeiramente, mas que rompe com os paradigmas esperados para a sua posição.

Por fim, a ativista e intelectual negra Beatriz Nascimento, nos transporta para um outro lugar do pensamento feminista, situada entre a segunda e a terceira fase do movimento feminista, Beatriz nos fornece de maneira extraordinariamente vanguardeira a defesa de um feminismo negro e interseccional.

Optei por voltar este trabalho para alunas e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, a escolha deste segmento deve-se ao fato de haver uma maior possibilidade de abordagem do tema, visto que, a Base Nacional Curricular (BNCC) estabelece as seguintes unidades temáticas que propiciam a abordagem do tema: *“O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”*, que tem como um dos objetos de conhecimento o *anarquismo e protagonismo feminino*; e *“Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946”*, nesta unidade o objeto de conhecimento refere-se a *história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais e os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira*.

Contudo, é importante salientar que nada impede o uso da cartilha em outros segmentos ou unidades temáticas, visto que as desigualdades de gênero e as lutas pelos direitos femininos estão inseridas em um processo de longa duração que permeiam todo o decorrer da história, cabe ao docente realizar as devidas adaptações de abordagem quando necessário.

A escolha por este público alvo, nos fez criar textos com uma linguagem simples, em forma de narrativa, mesclando em alguns momentos falas das personagens que estão entre aspas, busquei com isso fugir das biografias tradicionais, baseadas na coleta e fornecimento de dados de maneira pouco envolvente. Desta forma, você professora e professor, poderá realizar a leitura coletiva junto com seus estudantes.

A fim de ampliar a minha contribuição, inseri ao final de cada biografia uma sequência didática, sugerindo como abordar cada uma das biografias em suas aulas, estas podem ser utilizadas de maneira individual ou em conjunto. Em cada sequência didática buscamos problematizar diferentes ângulos da luta feminina por direitos, porém, as possibilidades são múltiplas e de forma alguma pretendemos (jamais conseguiríamos) esgotar o debate e as possibilidades de uso.

Por essa razão, as sequências foram estruturadas em passos que incluem rodas de conversa, pesquisas, reflexões, debates e produção biográfica. Tal estrutura foi pensada para um ensino de história que possibilite o protagonismo de diferentes grupos e sujeitos históricos.

A construção desta cartilha foi orientada a partir dos princípios de aprendizagem defendidos por bell hooks, Paulo Freire e Jörn Rusen. A escolha desses autores resulta da compreensão de que a aprendizagem histórica deve levar os discentes a refletir, questionar e transformar a realidade em que estão inseridos. Reconhecendo-se como agentes ativos da história e não apenas meros espectadores. Outrossim, a história de vida das biografadas foi elaborada em grande parte a partir de três pilares: a tese de Doutorado em Educação da professora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, intitulada: Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX; do livro *Eu sou Atlântica* do professor Alex Ratts e da obra *A Mulher na História* da professora sergipana Maria Lígia Madureira Pina.

Desta forma, ao estabelecer uma relação passado/presente, as/os discentes podem compreender que os direitos que usufruímos hoje, são o resultado de uma luta histórica, que se estende até os dias atuais, das quais elas/eles enquanto sujeitos históricos participam direta ou indiretamente, a partir dos modos de agir e pensar em suas vidas práticas.

Por fim, espero que contar quem são essas mulheres, suas lutas e conquistas pelos direitos femininos, através do movimento feminista, possa auxiliar na formação da consciência histórica de alunas e alunos. Acredito que levar a temática para a sala de aula, é contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária, onde o gênero enquanto constructo social, não sirva para limitar os sujeitos e nem como demarcador de desigualdades e violência. Para isto, faz-se necessário educadoras e educadores conscientes de seu papel, docentes que tenham a ousadia e a coragem de não fugir da luta.



BIOGRAFIAS



**MARIA RITA
SOARES DE
ANDRADE**

*a feminista
vanguardista*





No final da década de 30 do século XX, desembarcava no Rio de Janeiro Maria Rita Soares de Andrade. Desembarcou sozinha, ato corajoso para uma mulher do seu tempo. Porém, aos 34 anos, já havia travado muitas batalhas. Por ser uma mulher negra, nascida em uma família pobre, precisou enfrentar muitas lutas desleais para conseguir vencer, mas não se deixava abater: gostava da peleja, principalmente de um bom debate, não por acaso tornara-se uma advogada reconhecida entre seus pares.

Ao desembarcar não sabia o que viria pela frente, os desafios e conquistas que estavam por vir, deixou para trás sua terra, seu pai Manuel José, seus irmãos Fausto, Aristides e João Batista; sua mãe Filomena já era falecida. Vinha de Aracaju, capital sergipana, cidade onde nasceu e viveu grande parte de sua vida.

Maria Rita era uma mulher que não se curvava, rompia as fronteiras que lhes eram impostas e muitas vezes foi incompreendida. As injustiças sofridas não a paralisavam, ela tinha orgulho da sua história. Ao mesmo tempo, era dolorido pensar que, mesmo aprovada em concurso, precisou entrar com um processo na justiça e fazer diversas denúncias à imprensa para conseguir ser nomeada e lecionar no Colégio Atheneu. Conseguiu vencer esta luta, mas outras estavam por vir.





Em 1934 após sua intensa contribuição para que Quintina Diniz fosse eleita a primeira mulher deputada estadual em Sergipe, acabou sendo processada e demitida, mulheres sufragistas não eram bem vistas pela sociedade. Mesmo o Atheneu Sergipense, sendo uma instituição educacional de grande prestígio e responsável pela formação de inúmeros intelectuais, sua nomeação e permanência foi a todo tempo questionada e invalidada.

Entretanto, esses desafios comprovaram sua habilidade como advogada, venceu todos os processos e não baixou a cabeça para os ataques covardes sofridos por conta da sua condição de mulher na imprensa sergipana. Ademais, ficou conhecida em toda cidade por seu posicionamento firme e sua competência.

Maria Rita não atribuía as dificuldades enfrentadas a sua raça ou a sua condição social, mas sim ao seu gênero. Acreditava firmemente que, com acesso à educação, as pessoas poderiam chegar aonde quisessem, apesar desse acesso ser constantemente negado às mulheres. Foi a única mulher da sua turma na Faculdade de Direito na Bahia, na qual somente duas mulheres antes dela haviam se formado. Por isso, comprometeu-se a não descansar até que as mulheres pudessem ocupar todos os espaços, inclusive na política.



*Maria Rita Soares aos 89 anos.
Fonte: Pina (1994), p. 367*



Maria Rita Soares (1931).
Fonte: Freitas (2003) p. 92

Fazia questão de posicionar-se politicamente contra a ditadura varguista que assumiu o comando do país. Ah... E quem achasse que mulher não deveria opinar em tais assuntos, que não viesse chorar-lhe as pitangas, porque receberia uma resposta à altura. Tinha orgulho ao afirmar: “Sou feminista, vanguardeira!”.

Junto com Bertha Lutz e Cezartina Régis, foi uma das fundadoras da Federação para o Progresso Feminino em Sergipe - organização feminista que lutou pelo direito ao voto feminino e por maior acesso das mulheres às universidades. Alegrava-se ao pensar que futuramente as mulheres poderiam desfrutar livremente desses direitos conquistados.

Ao desembarcar naquela grande cidade, Maria Rita não sabia o futuro que lhe aguardava, quais conquistas lhe esperavam e nem que novas barreiras precisariam romper. Carregava consigo apenas a certeza, que defenderia até o fim da sua vida o direito das mulheres ocuparem os espaços que desejarem. Naquele momento, não podia imaginar que ela, Maria Rita Soares, mulher, negra, sergipana, tornar-se-ia a primeira mulher Juíza Federal do Brasil.





PROHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM HISTÓRIA DE HISTÓRIA

sergipanas

mulheres, biografia e feminismos

SEQUÊNCIA DIDÁTICA I



**MARIA RITA
SOARES DE
ANDRADE**

*a feminista
vanguardista*

Caroline Bittencourt Ludovice



DIDÁTICA I

Nesta aula a/o docente deverá utilizar a biografia de Maria Rita Soares.

Público Alvo:

9º ano do Ensino Fundamental.

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Objeto de Conhecimento:

Protagonismo feminino.

Habilidades BNCC:

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Tempo:

50 minutos.

Objetivo Geral:

Compreender o feminismo como um movimento social heterogêneo, construído historicamente dentro de uma relação de poder.

Objetivos Específicos:

- Explicar as pautas defendidas pela primeira onda movimento feminista.
- Demonstrar as relações de poder que permeiam a sociedade como um processo historicamente construído.
- Identificar as permanências e a rupturas em relação aos direitos femininos.
- Reconhecer a importância da atuação das mulheres sergipanas para a conquista dos direitos femininos.

PASSO 1:

Docente, para iniciar a aula realize uma roda de conversa, apresente o tema da aula e comece a discussão dirigindo aos discentes a seguinte pergunta: O que é uma mulher feminista? O questionamento possibilitará que você tenha uma noção do conhecimento prévio do seu das/os alunas/os a respeito da temática, como também, permitirá a reflexão e análise das respostas dadas pelos colegas de turma. Observe se há presença de visões estereotipadas sobre as mulheres feministas, para promover sua desconstrução.

PASSO 2:

Solicite as/os estudantes que respondam ao questionamento no caderno, desta forma, aqueles que desejarem poderão reformulá-las ao final da aula. Em seguida peça aos discentes que leiam suas respostas em voz alta. Neste momento, faça na lousa uma nuvem de palavras, com as definições mais utilizadas pelos alunos, assim a turma poderá ter uma visão geral das respostas dos colegas.

PASSO 3:

Convide as/os alunas/os para conhecer a história de uma mulher feminista, faça a leitura junto com os alunos da biografia de Maria Rita Soares. Pergunte se algum aluno conhece sua história ou se já ouviu falar sobre ela. Docente, caso a sua escola possua recursos, espelhe a cartilha em data show, para que os estudantes possam também analisar as ilustrações. A cartilha conta também com um código QR, onde os alunos podem ter acesso às biografias em seus celulares.

PASSO 4:

Após a leitura da biografia retome a roda de conversa, explique que Maria Rita Soares pertencia ao movimento sufragista, primeira onda do movimento feminista, que tinha como principal ponto de reivindicação o direito ao voto e uma maior participação das mulheres na política. Para estimular o debate destaque alguns pontos, como: as causas coletivas defendidas por Maria Rita Soares enquanto mulher feminista; as dificuldades que ela enfrentou e as barreiras que as mulheres enfrentam atualmente; o fato de Maria Rita associar a opressão que vivia a sua condição de mulher, excluindo questões raciais e de classe. Solicite que as/os alunas/os reflitam e se posicionem em relação a estas questões.

✓ = AVALIAÇÃO:



A avaliação deve ser formativa e contínua, atentar para a participação e o posicionamento das/os alunas/os durante o debate. Observar se houve alguma resposta equivocada em relação ao questionamento inicial da aula: “O que é ser uma mulher feminista?” e se ocorreram mudança na concepção das/os estudantes após a aula. Além disso, pode ser solicitado as/os discentes que construam a biografia de outras mulheres citadas no texto como Berta Lutz e a sergipana Cesartina Régis.



BIOGRAFIAS



**QUINTINA
DINIZ**

*a política
pioneira*





Quintina Diniz, Aracaju, 1935.
Fonte: Freitas (2003), p. 126

No dia 22 de julho de 1942, falecia em Aracaju Quintina Diniz. A cidade toda explodiu em comoção e em homenagens à respeitada professora, deputada e poetisa. Mesmo após muitos anos depois de sua morte, os jornais da cidade publicavam artigos comoventes, notas de pesar, crônicas e depoimentos.

Suas modernas práticas pedagógicas, seu amor e sua dedicação à educação influenciaram gerações de normalistas. Essas estudantes do curso normal se vestiam de azul e branco, e a mestra Quintina sempre de linho branco, harmonizada com o lugar onde ela passou a maior parte da sua vida: a sala de aula. É como professora que a maioria das pessoas lembram dela, sempre destacando a sua competência, sua dedicação e sua austeridade, o que em nada a entristecia, pelo contrário, lhe enchia de orgulho.

Iniciou sua carreira como docente, lecionando para os filhos dos trabalhadores rurais da fazenda do seu irmão Pedro Diniz. Em 1906, criou em Aracaju o primeiro colégio para moças: o Colégio Santana. Sua carreira como docente era reconhecidamente de sucesso.





Contudo, sua atuação na Assembleia Legislativa não teve o devido reconhecimento. Sua participação como a primeira mulher eleita em Sergipe no ano de 1934, foi bastante atuante, isso nos traz uma reflexão: Por que sua atuação política não é tão valorizada quanto a sua atuação docente?

O seu trabalho e sua luta junto com as incansáveis Cesartina Régis e Maria Rita Soares para que uma mulher fosse eleita em Sergipe, abrindo caminhos e espaço para várias outras que vieram depois, ficou assim em segundo plano para a imprensa sergipana.

Ao se lançar candidata a convite da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Quintina Diniz rompia com mais um padrão esperado para uma mulher como ela. Nascida em Laranjeiras, em 18 de junho de 1878, Quintina era uma mulher branca de família ilustre, então se esperava que arrumasse um bom casamento, pois fora educada rigidamente com esse propósito. Tocava piano, falava francês, era poetisa e excelente oradora. O esperado para ela era que se casasse com um político de prestígio. Entretanto, nunca se casou. Tornou-se ela mesma uma figura política atuante, participava ativamente das sessões e seus discursos sempre atraíam a atenção da assembleia.



Quintina Diniz com os deputados da Assembleia.
Aracaju, 1935. Fonte: Pina (1994) p. 209



Ao se lançar candidata a convite da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, Quintina Diniz rompia com mais um padrão esperado para uma mulher como ela. Nascida em Laranjeiras, em 18 de junho de 1878, Quintina era uma mulher branca de família ilustre, então se esperava que arrumasse um bom casamento, pois fora educada rigidamente com esse propósito. Tocava piano, falava francês, era poetisa e excelente oradora. O esperado para ela era que se casasse com um político de prestígio. Entretanto, nunca se casou. Tornou-se ela mesma uma figura política honrada, jamais faltou a uma sessão e seus discursos sempre atraíam a atenção da assembleia.

Em uma sociedade patriarcal, a docência era um caminho aceitável para uma mulher da sua época, mas a sua ousadia de romper os limites estabelecidos e os padrões esperados não foi perdoada. A participação das mulheres na política sempre foi vista como imprópria, inadequada, é como uma pedra no sapato de uma sociedade machista: incomoda! A pouca atenção dada a sua atuação política não é fruto do acaso. Esse silenciamento pesa ainda mais fortemente sobre as mulheres pobres e negras - que enfrentam além do machismo, o racismo e o classicismo da sociedade.

Saudemos Quintina Diniz e todas as mulheres pioneiras que abriram os caminhos para as que vieram depois delas. Que possamos cada vez mais ocupar os espaços que desejarmos, porque lugar de mulher é onde ela quiser.





sergipanas
mulheres, biografia e feminismos

SEQUÊNCIA DIDÁTICA II



**QUINTINA
DINIZ**

*a política
pioneira*

Caroline Bittencourt Ludovice



DIDÁTICA II

Nesta aula a/o docente deverá utilizar a biografia de Quintina Diniz.

Público Alvo:

9º ano do Ensino Fundamental.

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Objeto de Conhecimento:

Protagonismo feminino.

Habilidades BNCC:

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Tempo:

100 minutos.

Objetivo Geral:

Analisar a disparidade de gênero na política como resultado de um processo histórico da opressão das mulheres.

Objetivos Específicos:

- Comparar dados quantitativos em relação ao número de homens e mulheres atuantes na política brasileira.
- Investigar o processo de construção histórica que levou às mulheres a serem excluídas da vida pública.
- Elaborar hipóteses e estratégias de intervenção que possibilitem uma maior diversidade no cenário político atual.
- Reconhecer a importância da atuação das mulheres sergipanas para a conquista dos direitos femininos.

PASSO 1:

Professora/o, antecipadamente solicite que as/os estudantes pesquisem sobre a participação feminina na política do seu estado ou município, respondendo as seguintes questões: Qual a quantidade de homens e mulheres eleitos para a câmara de vereadores do seu município e para a assembleia legislativa do seu estado? Das mulheres eleitas quantas são indígenas, negras ou transexuais? O objetivo da pesquisa é permitir que as/os estudantes percebam a disparidade de gênero na política atualmente e a necessidade de promover ações que alterem este cenário.

PASSO 2:

Inicie a aula com a leitura coletiva da biografia de Quintina Diniz. Se possível faça a exibição do vídeo, **Paridade: mais mulheres na política**, da **série Eleitas**, do canal **Quebrando o Tabu** (disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_gA4Sm1a01Q acesso em 01/06/2023). Solicite que as/os discentes que compartilhem e analisem os dados coletados na pesquisa realizada por eles, e em seguida solicite para que eles levantem hipóteses que expliquem a disparidade gênero na política, bem como possíveis soluções para este problema. É importante que as/os discentes percebam que a participação feminina na política é fruto da luta de mulheres como Quintina Diniz, atuantes dentro do movimento feminista. Além disso, é fundamental estabelecer a relação passado/presente, para que as/os estudantes compreendam que esta luta permanece nos dias atuais, especialmente quando se trata de mulheres negras, indígenas e transexuais.



✓ = AVALIAÇÃO:

✗ = A avaliação deve ser formativa e contínua, professora/o atente-se para a participação das/os discentes na realização da pesquisa e nas atividades propostas, como o levantamento de hipóteses e a indicação de caminhos para a inclusão de um maior número de mulheres na política.



BIOGRAFIAS



**BEATRIZ
NASCIMENTO**

*uma mulher
atlântica*



Cara leitora, caro leitor, esta é a história de Beatriz Nascimento, ela começa no nordeste brasileiro, em Aracaju, Sergipe, lugar de muitas mulheres pioneiras, revolucionárias e inspiradoras. Nesta terra, em 12 de julho de 1942, nasceu Maria Beatriz Nascimento, uma mulher negra, filha de Rubina Pereira do Nascimento, “dona de casa” e do pedreiro Francisco Xavier do Nascimento. Foi a oitava filha entre dez, sendo assim, você deve imaginar as dificuldades enfrentadas por sua família.

Quando ela tinha sete anos, seus pais migraram para o Rio de Janeiro, assim como milhares de nordestinos, em busca de melhores condições de vida. Foram de barco, pelo Oceano Atlântico, pelas mesmas águas por onde milhões dos seus ancestrais, chegaram de África. Nas palavras dela o povo negro está em constante transmigração. No Rio de Janeiro, tornou-se mãe, historiadora, professora, poeta, intelectual, ativista do movimento negro e feminista, não necessariamente nesta ordem. Beatriz foi uma mulher insurgente.

Viveu subvertendo a ordem estabelecida, em uma sociedade machista e racista como a nossa, as pessoas não esperam que uma mulher negra seja uma intelectual, elas esperam que estas mulheres ocupem cargos subalternos, seus corpos são estereotipados e este foi um problema que Beatriz enfrentou durante toda a sua vida.



Beatriz Nascimento. Fonte: Ori (1989)



*Beatriz Nascimento e os irmãos.
Rio de Janeiro, 1954. Fonte: Ori (1989)*

Quando ela era criança, não gostava da escola, se sentia incompreendida, deslocada e não representada. Passou muito tempo achando que era tímida, mas acabou entendendo que na verdade ela era reprimida. Desde a infância buscam silenciar as mulheres, ela transformou o silêncio em palavra, em protesto, em poesia. Tornou-se a melhor aluna da escola, foi a forma que encontrou para vencer as agressões e as perversidades racistas a que era submetida.

Questionava-se sempre quantas crianças reagem de maneira diferente e acabam por abandonar os estudos, o racismo tem um “emaranhado de sutilezas”.

Em 1968, iniciou sua vida acadêmica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lá conheceu inúmeros intelectuais renomados e já nesta época haviam muitos estudos sobre o povo negro no Brasil. Contudo, causou-lhe espanto o fato de invisibilizarem a mulher negra e de limitarem as suas análises ao período da escravidão, como se o seu povo se resumisse a isso. A história dos seus, não começa com a escravidão e muito menos termina com ela. Desta forma, elaborou um pensamento próprio, menos colonizado, um novo olhar.

Fez viagens a África para aprofundar seus estudos, criou e narrou o documentário *Orí* e participou ativamente da vida acadêmica. Em seus estudos passou a considerar, além das dores do povo negro, a luta, a resistência, a memória e a produção do pensamento, o seu *orí*¹. A partir de seus estudos ela construiu um inovador conceito de Quilombo.



*Beatriz Nascimento na Conferência
Historiografia do Quilombo, 1977.
Fonte: Ori (1989)*



*Beatriz
Nascimento.
Fonte: Ratts (2021)*



*Beatriz
Nascimento.
Fonte: Ori (1989)*

¹ Palavra de origem Yorubá que significa cabeça, podendo também ser utilizada para se referir a destino, guia ou pensamento.

Para Beatriz, quilombo não é somente um território para onde os negros escravizados fugiam e sim um projeto de nação onde o negro é o protagonista, é a busca pela libertação de toda e qualquer opressão do seu povo. O quilombo rompe barreiras territoriais, está presente em todo lugar, está presente em cada corpo negro que resiste junto aos seus pares. Quilombo é união e identidade. Para ela: “A terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou.”

Apesar dos seus conceitos vanguardistas a respeito dos quilombos, e da visibilidade que conquistou dentro da universidade, durante muito tempo, foi “esquecida” pelos estudiosos sobre o assunto e somente recentemente teve seus textos reavivados.

Nos anos de 1970, uma mulher negra na universidade, produzindo conceitos próprios e inovadores é algo de grande representatividade, rompe silêncios e abre caminhos para as que vêm depois. Beatriz sempre acreditou que as análises feitas em relação as discriminações de gênero, não podem ocorrer desvinculadas das questões raciais, pois, a mulher negra, além de lutar contra o machismo, luta também contra o racismo. Defendia que as vozes das mulheres negras deveriam ser ouvidas e a dela tentaram calar da pior forma possível, por meio da violência.

Em 28 de janeiro de 1995, aos 52 anos foi vítima do feminicídio. Mácula social, produzida pelo machismo que atinge inúmeras mulheres até os dias atuais.

O corpo morreu, mas seu pensamento, sua produção intelectual virou semente, sua voz não se calou, ela está presente em cada homem e mulher negra desse país que luta por igualdade de direitos. Ela está em você que me lê agora. Beatriz segue viva e presente no reino de Zumbi, Dandara e Aqualtune onde “A noite não adormece nos olhos das mulheres, a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória².”

² Trecho do poema *A noite não adormece nos olhos das mulheres* de Conceição Evaristo em *Memória de Beatriz Nascimento*, em *Cadernos Negros*, vol. 19.



sergipanas
mulheres, biografia e feminismos

SEQUÊNCIA DIDÁTICA III



**BEATRIZ
NASCIMENTO**

*uma mulher
atlântica*

Caroline Bittencourt Ludovice

DIDÁTICA III

Nesta aula a/o docente deverá utilizar a biografia de Beatriz Nascimento.

Público Alvo:

9º ano do Ensino Fundamental.

Unidade temática:

Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946; O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Objeto de Conhecimento:

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.

Habilidades BNCC:

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.

Tempo:

3 aulas (150 minutos).

Objetivo Geral:

Compreender a luta das mulheres negras por uma sociedade mais justa e igualitária.

Objetivos Específicos:

- Relacionar as lutas feministas a seus diferentes contextos históricos.
- Discutir sobre o apagamento das mulheres nos currículos escolares e na historiografia.
- Demonstrar a importância do feminismo negro.
- Produzir biografias de mulheres pertencentes ao meio de convívio das/os discentes.
- Reconhecer a importância da atuação das mulheres sergipanas para a conquista dos direitos femininos.

PASSO 1:

Docente, inicie a aula projetando a imagem de Beatriz Nascimento, questione se as/os discentes conhecem a sua história ou se já ouviram falar a seu respeito, quem eles acreditam que ela seja e o porquê de ela está sendo estudada na aula. Observe as hipóteses levantadas pelos alunos e em seguida realize a leitura coletiva da biografia.

PASSO 2:

Organize uma roda de conversa para discutir o texto e a partir dele estimule os alunos a refletir e opinar sobre: o apagamento das mulheres, especialmente das mulheres negras da História e da produção acadêmica; o feminismo negro e a necessidade de interseccionar questões de raça, classe e gênero; a hierarquização social no Brasil que coloca as mulheres negras na base da pirâmide social; o feminicídio e a violência contra mulher como resultado do machismo cultural e da opressão que atinge especialmente as mulheres negras; o protagonismo da mulher negra nas produções intelectuais e dentro dos movimentos sociais. Docentes, compartilhe com os alunos dados atuais sobre as desigualdades raciais e as taxas de feminicídio no Brasil. Disponíveis em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contrameninasmulheres-2022-1sem.pdf?v=v2> (acesso em 01/06/2023)

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf (acesso em 01/06/2023)

PASSO 3:

Na aula seguinte, chame a atenção dos alunos para o fato de Beatriz Nascimento ser protagonista e precursora na luta por uma causa, sendo uma mulher produtora da história como todas as outras. Desta forma, solicite que as/os discentes escolham uma mulher do seu convívio, da sua comunidade escolar, do seu bairro, da sua família para biografar. Oriente-os a destacar além dos dados pessoais, os sonhos, as lutas, as dores e conquistas destas mulheres produtoras da história. Determine um prazo para a produção e organize uma apresentação para que cada aluna/o apresente seu trabalho.



✓ = AVALIAÇÃO:

✗ = A avaliação deve ser formativa e contínua, professora/o atente-se para a participação das/os discentes nas atividades propostas especialmente na produção das biografias.



PARA A(O) ALUNA(O)

Docente, compartilhe as biografias das mulheres sergipanas com suas alunas e alunos utilizando o QR Code abaixo e enriqueça ainda mais suas aulas!



aponte a câmera do celular

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 63ª edição. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREITAS, A. G. B. Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX. 2003. 310 f. Tese (Doutorado em Educação) -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

HOOKS, Bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rosa dos tempos. Rio de Janeiro, 2018

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Editora Contexto. São Paulo, 2007.

PINA, Maria Lígia Madureira. A mulher na História. Aracaju, 1994.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kuanza. São Paulo, 2006.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica: fundamentos da ciência histórica. (Teoria da história I.) Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

Cara/o docente, esta cartilha é o produto gerado a partir da dissertação do Mestrado Profissional em Ensino de História (Profhistória/ UFS), intitulado *Combatendo a invisibilidade feminina: Uma proposta para o Ensino de História a partir da biografia de três sergipanas*. Espero com este trabalho, oferecer um caminho para que professoras e professores possam discutir os feminismos nas aulas de História, assim como combater a invisibilidade e o apagamento das mulheres na historiografia e nos currículos escolares.

Apesar da ampliação das discussões dentro das universidades e na sociedade em geral, os debates sobre gênero e feminismos não atingiram as salas de aulas da Educação Básica de maneira significativa, ou seja, precisam ser ampliados e aprofundados.

Em minha prática docente, por outro lado, percebo um crescente interesse das/os estudantes sobre a temática, na escola em que atuo entre os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, são cada vez mais frequentes questionamentos a respeito do protagonismo feminino ao longo da História, sobre a atuação do movimento feminista, a naturalização dos papéis de gênero e a construção e perpetuação das desigualdades.

Contudo, sei das dificuldades que professoras e professores possuem ao abordar uma temática cercada por tabus e disputas. Esta foi uma dificuldade que também enfrentei durante os meus mais de quinze anos de atuação na Educação Básica. Para mim, a falta de instrumentos didáticos e de abordagens que relacionassem feminismos e história das mulheres com o ensino de História, foram empecilhos que busquei superar.